

Por uma agenda da paz nas Relações Internacionais do Brasil

Claiming an agenda for peace in Brazilian International Relations

FERNANDO CARLOS CAVALCANTE B. RODRIGUES*

Meridiano 47 n. 101, dez. 2008 [p. 39 a 41]

Segundo Antônio Carlos Lessa (2005:2), nos últimos vinte anos, o debate científico dentro da academia brasileira de Relações Internacionais “cresceu quantitativa e qualitativamente e ganhou novas formas institucionais”. Esse crescimento se deu principalmente devido ao interesse da sociedade brasileira em entender os complexos processos e dinâmicas do pós-Guerra Fria. Assim, a própria agenda de pesquisa das Relações Internacionais no Brasil foi ampliada, aprofundando-se na análise de temas como a cooperação internacional, o surgimento de blocos econômicos e a formação de regimes internacionais nas áreas de meio ambiente e da proteção internacional dos direitos humanos, dentre outros. Entretanto, percebemos que, mesmo após esse alargamento da agenda de pesquisa, a academia brasileira das Relações Internacionais ainda não teve seu interesse despertado para a análise (ou reavaliação) de um tema de fundamental importância: a paz.

Esta falta, contudo, não é exclusiva dos acadêmicos brasileiros: ela reflete, em verdade, a postura epistemológica da escola de pensamento Realista daquele campo de estudos. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, surgiu a preocupação com o estudo mais sistemático das dinâmicas internacionais, a fim de evitar a repetição daquele episódio – o nascimento da disciplina, portanto, é indissociável àquele conflito. Surge, então, a primeira cátedra destinada ao estudo desses fenômenos, uma vez que

a História, a Economia, a Diplomacia, a Sociologia ou a Ciência Política, sozinhas, não conseguiram mais formular explicações consistentes para a complexa teia de interações para além das fronteiras dos estados.

Na década de 1930, no debate que viria, de fato, a fundar as Relações Internacionais como campo de estudos, contrapuseram-se Idealistas e Realistas. De um lado, uma visão “utópica”, baseada na crença “ingênua” na bondade humana, no direito internacional e nas instituições. De outro, a plena convicção de que as relações internacionais eram determinadas por um jogo de poder, reflexo direto de uma perspectiva negativa da natureza humana. Não é nenhuma novidade que os Realistas foram os grandes vencedores deste debate e a sua visão de mundo não foi contestada praticamente até o chamado terceiro debate das Relações Internacionais (o segundo debate não desafiou os pressupostos básicos Realistas, ficando mais restrito a questões metodológicas).

Devido à essa primazia da escola Realista, a sua postura epistemológica orientou a maior parte da produção acadêmica das Relações Internacionais durante as décadas seguintes – e não seria exagero dizer até os dias de hoje. Assim, as análises tendem a enfatizar as relações internacionais a partir de uma perspectiva estatocêntrica, em que a ausência de uma entidade superior reguladora da interação entre os estados leva a uma constante situação de insegurança e medo. A sobrevivência, então, é o principal objetivo

* Doutorando em Política Internacional e Resolução de Conflitos pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Portugal (cavalcante_fernando@yahoo.com).

dos estados e é conseguida por meio do acúmulo de poder. As assimetrias de poder entre os estados, por sua vez, levam à formação de um conceito caríssimo aos Realistas: a balança de poder. Nesse contexto Realista, as guerras são entendidas como o processo pelo qual esta balança se corrige e a paz, como o intervalo de tempo existente entre essas correções. A paz, portanto, é apenas a ausência da guerra, de forma que as análises sobre a paz são, em última instância, análises sobre a própria guerra.

Era essa a tônica dos debates acadêmicos daquele campo de estudos quando o primeiro curso de Relações Internacionais foi criado no Brasil, na Universidade de Brasília dos anos 1970.

Aquele pensamento dominante, contudo, vinha sendo alvo de críticas, ainda marginais, a partir da produção de centros de pesquisa instalados em Oslo, Uppsala e Estocolmo – especialmente o International Peace Research Institute, Oslo (PRIO), que edita o *Journal of Peace Research* desde 1964. Era o surgimento dos chamados Estudos para a Paz (*Peace Studies*), ainda nas décadas de 1950 e 1960 (Wiberg, 2005 e 1988; Boulding, 1978). Em uma crítica à visão limitada do Realismo, Galtung (1969) propôs o entendimento da paz de uma forma mais ampla, em termos de uma paz positiva (ausência da violência estrutural, aquela que constrange as potencialidades humanas a partir de estruturas políticas e econômicas) e uma paz negativa (ausência de violência direta, como no Realismo). Anos mais tarde, o mesmo autor viria a definir a paz em termos de um somatório da paz direta, da paz cultural e da paz estrutural (Galtung, 1996).

Com essas e outras críticas, começou-se a entender algo que nem sempre era – e nem sempre é – percebido *prima facie* por aqueles que se dedicam ao estudo das Relações Internacionais: a visão do Idealismo que passou para a História não foi feita a partir da leitura dos seus defensores, mas foi construída a partir da mais influente obra de Carr: *Vinte Anos de Crise: 1939-1939*. Em outras palavras, aprendemos a enxergar não o Idealismo em si, mas a visão crítica que o Realismo tinha do Idealismo.

Revisitando esse debate a partir da leitura de Idealistas como Norman Angell, Leonard Woolf e

Alfred Zimmern, Osiander (1998) demonstra que os Idealistas, ao contrário do que é dito por Carr, não desconsideravam o papel do poder nas relações internacionais. Ademais, eles não teorizavam sobre fatos desgarrados da realidade, mas, ao contrário, enxergavam além da simples ontologia de guerras e conflitos dos Realistas. Assim é que suas análises frequentemente remetiam a um aspecto completamente ignorado pelo Realismo: a crescente interdependência econômica entre os estados. Em última instância, as diferenças entre Realismo e Idealismo não residiam apenas na questão do poder, mas sim nas diferentes concepções de História implícitas em cada uma dessas abordagens (cíclica e como um processo evolucionário, respectivamente).

Em um trabalho mais recente, no qual critica fortemente a hegemonia do discurso da paz liberal, Richmond (2007) procura colocar a paz na agenda de investigação das Relações Internacionais a partir de uma feroz crítica à paz liberal. Nesta obra, o autor inverte o tradicional foco das análises Realistas, fazendo um rico apanhado não apenas histórico, mas também teórico e filosófico, do entendimento da paz desde a Europa de Hobbes e Santo Agostinho até o período das intervenções humanitárias do pós-Guerra Fria. Uma das principais contribuições desta análise é o entendimento de que a paz tem sempre “um tempo e um espaço”, apresentando, portanto, diferentes ontologias, epistemologias e metodologias. Posteriormente, ao perceber quão frequentemente o tema é negligenciado, Richmond (2008) analisaria como a paz é conceitualizada pelas diferentes teorias das Relações Internacionais.

O que nos parece claro, desta brevíssima narrativa, é que as Relações Internacionais, enquanto campo de estudos, têm uma visão hegemônica que analisa o mundo primordialmente a partir de uma lógica conflitual, explicada pelo entendimento Realista de que a paz não é nada além de uma quimera, da hegemonia da paz do vencedor. Este, contudo, é incompleto e não retrata toda a realidade das dinâmicas internacionais. Mesmo no atual discurso hegemônico sobre a paz, o da paz liberal, aquela visão é apropriada e utilizada implicitamente pelos seus defensores (Richmond, 2007).

Assim, essa compreensão limitada da paz ainda permeia a maior parte do debate científico das Relações Internacionais. No Brasil, essa postura talvez reflita a adoção – acrítica, segundo Cervo (2003) – do pensamento Realista, hegemônico na academia dos Estados Unidos da época, pelo primeiro curso de graduação na Universidade de Brasília. Essa visão, contudo, tem sido alterada, conforme demonstrado por Lessa no já citado artigo, principalmente devido ao surgimento de uma postura mais crítica em relação ao modelo Realista e aos seus pressupostos positivistas.

Não estaria, então, na hora de incluímos, a partir de pesquisas mais sistemáticas e afastadas dos dogmas Realistas, a paz na agenda de pesquisa das Relações Internacionais do Brasil?

Referências

- Boulding, Kenneth (1978) "Future directions in conflict and peace studies" *Journal of Conflict Resolution* 22(2):342-354.
- Carr, E.H. (2001) *Vinte Anos de Crise: 1919-1939*. Brasília, São Paulo: IPRI/IOESP [1ªed: 1939].
- Cervo, Amado Luiz (2003) "Política exterior e relações internacionais do Brasil: enfoque paradigmático" *Revista Brasileira de Política Internacional* 46(2):5-25.
- Galtung, Johan (1969) "Violence, Peace and Peace Research" *Journal of Peace Research* 6(3):167-191.
- Galtung, Johan (1996) *Peace by Peaceful Means: Peace and Conflict, Development and Civilization*. London: Prio e Sage Publications.
- Lessa, Antônio Carlos (2005) "Instituições, atores e dinâmicas do ensino e da pesquisa em Relações Internacionais no Brasil: o diálogo entre a história, a ciência política e os novos paradigmas de interpretação (dos anos 90 aos nossos dias)" *Revista Brasileira de Política Internacional* 48(2):169-184.
- Osiander, Andreas (1998) "Rereading Early Twentieth-Century IR Theory: Idealism Revisited" *International Studies Quarterly* 42(3):409-432.
- Richmond, Oliver P. (2007) *The Transformation of Peace*. Basingstoke, New York: Palgrave Macmillan.
- Richmond, Oliver P. (2008) *Peace in International Relations*. Oxon, New York: Routledge.
- Wiberg, Håkan. (2005) "Investigação para a Paz: Passado, presente e futuro" *Revista Crítica de Ciências Sociais* 71:21-42.
- Wiberg, Håkan. (1988) "The Peace Research Movement" in Wallensteen, Peter (ed.) *Peace Research: Achievements and Challenges*. Boulder, London: Westview Press.

Recebido em 28/11/2008
Aprovado em 05/11/2008

Palavras-chave: Estudos para a Paz; Pesquisa para a Paz; Relações Internacionais do Brasil
Keywords: Peace Studies; Peace Research; Brazilian IR

Resumo: Dada a falta de pesquisas sistemáticas sobre a paz na academia brasileira de Relações Internacionais, o artigo clama pela inclusão do tema nos debates científicos nacionais.

Abstract: Due to the lack of systematic research on peace in the Brazilian IR academy, the article claims for the inclusion of the subject on the national scientific debates.